

Associação Cultural, Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Cone Leste Paulista



# Formiguinhas do Vale

Viveiro - Educação Ambiental - Reflorestamento



## Culturas e Tradições

# Cavalcadas

# &

# Tropeirismo



Fotos: Álvaro - GuiaOlimpia.com

## CAVALHADAS



Durante a dinastia carolíngia ([ver matéria completa na página 5](#)), em finais do século VIII d.C., portanto há quase de 1300 anos, Carlos Magno, de religião cristã, investiu contra os sarracenos, de religião islâmica, para impedi-los de invadir o centro da Europa, o sul da França. Carlos Magno, ao se afastar da França, deixou-a exposta a invasão pelos saxões, obrigando-os a retornar. Porém deixou na França o valente Conde de Rolando com sua guarda pessoal: Os Doze Pares de França. Quando ocorreu a famosa Batalha de Roncesvalles, em 778 d.C. Rolando foi massacrado pelos árabes sarracenos, de religião islâmica, e aldeãos locais, de religião cristã. Apesar da derrota, o feito foi amplamente divulgado, como mostra de bravura e lealdade cristã, por trovadores que viajavam por toda a Europa, cuja TROVA ficou para a eternidade como a "A Canção de Rolando", um verdadeiro épico, cantado em trova, como forma de incentivar a população cristã contra as investidas dos exércitos islâmicos. Conhecidos como mouros, os mulçumanos da Mauritânia, invadiram nos idos do século VIII, o sul da Península Ibérica, dominando a região de Granada, de onde foram expulsos somente em fins do século XV. Foram quase 800 anos de ocupação moura por quase toda a península, o que, inegavelmente, colaborou para o avanço tecnológico destas nações, uma vez que os mulçumanos árabes, propagadores do islamismo, eram mais evoluídos, do ponto de vista tecnológico, artístico e cultural, do que os cristãos da época. Os reis que resistiram a este avanço refugiaram-se ao norte da península, mantendo intacta sua cultura, tendo vindo deles a iniciativa de expulsão da soberania moura na Península Ibérica. Incorporada ao folclore, durante séculos, a História de Carlos Magno era atração nas vozes dos trovadores e, somente em idos do século XIII, em Portugal, é que resolveu instituí-la como uma festividade, aos modos de uma representação dramática, quase que como um jogo de xadrez, a fim de incentivar a instituição cristã e o repúdio aos mouros. Num grande campo de batalha, onde de um lado, o lado do poente, 12 cavaleiros cristãos vestidos de azul, a cor do cristianismo, luta contra 12 cavaleiros mouros vestidos de vermelho, encastelados no lado do sol nascente. Esta é a origem das Festas do Divino e Folia de Reis.

### No Brasil e em Pirenópolis

#### Rei Cristão em investida

No Brasil esta representação dramática foi introduzida, sob autorização da Coroa, pelos **jesuítas** com o objetivo de catequizar os gentios e escravos africanos, mostrando nisto o poder da fé cristã. Por todo o Brasil encontramos as Cavalladas sendo representada, em diferentes épocas, prova de que esta manifestação folclórica nada tem a ver, de origem, com a Festa do Divino ou a Pentecostes, como é no caso de Pirenópolis.

Introduzida em Pirenópolis em 1826, pelo Padre Manuel Amâncio da Luz, como um espetáculo chamado de "O Batalhão de Carlos Magno". Pirenópolis manteve forte esta tradição, uma porque os primeiros colonizadores desta antiga cidade mineradora eram, em sua maioria, portugueses oriundos do norte de Portugal, local onde mais se resistiu à invasão moura; outra porque o caráter centralizador da população dominante viu com bons olhos o efeito separatista entre as classes sociais. Porém o que mais motiva a população a manter viva a infundável rixa entre mulçumanos e cristãos é a beleza do espetáculo e o prazer pela montaria.

## A festividade

As Cavalhadas de Pirenópolis, considerada uma das mais expressivas do Brasil, é um longo ritual de três dias seguidos, cujos preparativos começam uma quinzena antes, no início da Festa do Divino, que é marcada pela saída da Folia. Durante uma semana os cavaleiros se reúnem num campo, que não é o oficial, para ensaios das corridas que vão executar nos três dias do evento. Nestes dias, às quatro horas da manhã, a Banda de Couros, formada por um saxofonista seguido de vários meninos empunhando rústicos tambores de couro, executando cantigas melodiosas, percorrem a cidade a pé avisando à população, e principalmente os cavaleiros, que é chegada a hora de se levantar, arriar os cavalos e dirigir-se ao ensaio. Primeiro, parte de sua residência o último cavaleiro dos doze de cada exército e, seguindo uma hierarquia, vão de casa em casa, agrupando o resto da tropa, até que, por último junta-se à tropa, o Rei.

A hierarquia dos exércitos das Cavalhadas segue, tanto para os cristãos como para os mouros, na seguinte ordem: dos doze cavaleiros, tendo no mais alto posto o Rei, abaixo deste temos o Embaixador, seguindo-se abaixo os dez restantes cavaleiros. O último cavaleiro só subirá de posto se houver morte ou desistência de algum outro acima, o mesmo acontece com o Embaixador, que só tornar-se-á Rei se o próprio Rei morrer ou renunciar.

Depois de reunidos os dois exércitos, estes seguem em fila hierárquica, com o Rei a frente para a casa de um cidadão que se prontificou a lhes fornecer, por cortesia e respeito, o **desjejum matinal**, chamado de "**Farofa**". Neste vai e vem de cavaleiros cavalgando pelas ruas da cidade, não podem os cavaleiros cristãos se encontrarem com os mouros, a não ser na ocasião da Farofa e posteriormente no ensaio. Na Farofa é servido: café, biscoitos, sucos, refrigerantes, bebidas alcoólicas e a "Farofa" propriamente dita, iguaria derivada das antigas tropas que vazavam os sertões, composta de farinha de mandioca e carnes secas. Os cavaleiros, nesta ocasião, rezam em grupo e dançam a **Catira**, uma dança folclórica onde se enfileiram frente a frente os 24 cavaleiros e, embalados por violas, pandeiros e canções, batem palmas e pés no ritmo cadenciado e típico. Após o agradecimento, que é feito em forma de cantilenas, ao dono da casa que ofereceu a Farofa, partem para o campo de ensaio.

## O Domingo do Divino

### Desfile de abertura

No Domingo do Divino é repetido o mesmo ritual de recolhimento da tropa, só que ao meio dia, sem Banda e sem Farofa, e devidamente paramentada. A forma com que os cavaleiros se apresentam no campo oficial hoje, não são as mesmas de outrora. Antigamente os cavaleiros assemelhavam-se a oficiais de milícia, envergando farda militar de gala com galoneiras douradas e quepes de veludo, mas sempre **cristãos em azul** e **mouros em vermelho**, os reis e embaixadores usavam elmos de estilo romano. Hoje, com a criação de tecidos sintéticos e a nova estética carnavalesca, os Cavaleiros se apresentam um tanto mais luxuosos, chegando a usar elmos de metal dourado, para o caso do Rei e Embaixador mouro, e elmos prateados para os cristãos. Todas vestimentas são ricamente ornamentadas com plumas, metais polidos, pedras incrustadas, veludos, fitas e tecidos vistosos, e todos os cavaleiros sustentam longos mantos bordados e cravejados de lantejoulas multicores formando desenhos simbólicos das duas crenças, como o **peixe ou a pomba branca** para os cristãos e o **dragão ou a lua e estrela** para os mouros. Levam também uma lança, com fitas na ponta, uma espada e um revolver com tiros de festim, para o combate. Os cavalos também são amplamente ornamentados, se apresentando, com patas pintadas, protegidos na frente com metais polidos, e envergando plumas na cabeça.

As Cavalhadas, propriamente ditas, inicia-se no Domingo às 13h00min no campo oficial construído para este fim, o **Campo das Cavalhadas**. Rodeando o Campo são erguidos camarotes rústicos feitos de paus e telhados de palha, **semelhantes às palafitas**. Aqueles que têm posses compram os camarotes e a população assiste ao espetáculo de pé, abaixo destes, ou numa pequena arquibancada de tábuas. Ambulantes vendem lanches, churrasquinhos de espetos, refrigerantes e cervejas no meio da população. Os camarotes mais bem localizados são os oficiais, onde abrigam as autoridades civis e a Banda de Música.

Na abertura solene das Cavalhadas ingressam no campo todos os grupos folclóricos da Festa do Divino que fazem sua própria apresentação: **Catireiras, Congados, Pastorinhas, Dança de Fitas, Banda de Couros, a Banda de Música Phoenix e os Cavaleiros Mascarados**. Um dos momentos mais emocionantes da abertura é a **evocação ao Divino** sob execução do Hino do Divino pela Banda de Música. Toda a população fica de pé com chapéus na mão. No campo, voltados para os camarotes oficiais, os grupos folclóricos formam blocos à frente dos mascarados que se sustentam em pé sob o dorso de seus cavalos.

## Os Mascarados

### Cavaleiro Mascarado típico de Pirenópolis

Os Mascarados é tão grande atração quanto os cavaleiros mouros e cristãos. Conhecidos também como "Curucucús", por causa do som que emitem, são pessoas que se vestem com máscaras, roupas coloridas, luvas e botas. Mudam a voz ao falar e cobrem todo o corpo para que ninguém os reconheça. Enfeitam seus cavalos com fitas, tecidos, plantas e tudo quanto a criatividade mandar. Tradicionalmente existe vários tipos.

Os mais tradicionais são aqueles com máscara de cabeça de boi, seguidos pelos que usam máscaras de onça, máscara de homem, e mais recentemente apareceram aqueles com máscaras de borracha, com cara de monstro, desfocando um pouco a originalidade da Festa. Mas isso não diminui a beleza e o entusiasmo dos Mascarados, que já no sábado saem às ruas à galope em algazarra. Pedem com vozes fanhosas cervejas e cigarros aos transeuntes e divertem a população com suas acrobacias e brincadeiras.

A **máscara de boi** é a mais tradicional e só é encontrada entre os Mascarados de Pirenópolis. Outro mascarado muito interessante é o **São Caetano**, chamado assim pois orna seu cavalo, escondendo-o, com ramas de **Melãozinho de São Caetano**, erva trepadeira muito comum, e **folhas de bananeiras**. Leva na cabeça uma máscara de homem, com um chifre reto na testa, e na mão uma cesta de frutas que atira para a platéia. Outro muito engraçado veste-se com um macacão extremamente grande de tecido de colchão que recheia com capim, ficando enormemente gordo, envolvem a cabeça com um pano preto onde pinta em branco a face de uma caveira.

Não se sabe a origem destes personagens, que são encontrados em todas as cavalhadas do Brasil com diversas diferenças entre cidades e regiões. Eles se fundem com os cristãos e mouros num trinômio perfeito. Representam o papel do povo e daqueles que não tem acesso a pompa dos cavaleiros, que representam socialmente a elite e o poder. São irônicos e debochados, fazendo críticas aos poderosos e ao sistema. E, ao contrário da rigidez dos Cavaleiros, entre os Mascarados não há regras, tudo é permitido, menos mostrar sua identidade.

**“Esta pode ser uma forma de reivindicação das prioridades para a nossa região, de uma forma original e divertida.”**

## A encenação das Cavalhadas

A encenação das Cavalhadas se dá em 3 dias, um domingo, uma segunda e uma terça. É uma representação dramática, um teatro ao ar livre que encena uma batalha medieval. As Cavalhadas sempre foram corridas ao som ao vivo de uma banda de música. As peças musicais apresentadas foram compostas especialmente para a ocasião e são:

<b>Galope:</b>	Dos Mouros e dos Cristãos;
<b>Quadrilhas:</b>	Violeta, Flor da Noite, Três Sossegados, Noiva Encantada;
<b>Valsa:</b>	Do Batismo;
<b>Galope Final:</b>	A Cavalhada acabou.



## IMPÉRIO CAROLINGIO

A ascensão de Carlos Martel ao cargo de *major domus* já evidenciara uma situação de dualidade de poder na França. Embora, em princípio, tal cargo fosse uma indicação real, seu pai, Pepino de Heristal, havia conseguido impor seu nome como sucessor, tornando o cargo hereditário, numa estrutura de poder paralelo ao poder monárquico.

De qualquer modo, foi sob o comando de Carlos Martel, e sua inequívoca liderança sobre os guerreiros francos, que estes conseguiram derrotar os árabes na batalha de Poitiers, no ano de 732 d.C..

A vitória teve múltiplos significados para o reino franco. Em primeiro lugar, ela consolidou a aliança entre os francos e a Igreja Católica, já que foram eles os únicos capazes de deter os infiéis que ameaçavam a Cristandade. Em segundo lugar, efeito básico da guerra para um povo germânico; verificou-se um fortalecimento da autoridade central, com a nobreza guerreira unida em torno de um comando centralizador. Por outro lado, lembramos que esse comando está nas mãos não de um rei formal, mas sim de seu *major domus*, cujo poder, prestígio e liderança sobre a nobreza suplantavam em muito o poder do rei.

### Pepino, o Breve

Foi o filho de Carlos Martel - chamado de Pepino, o Breve - quem representou a conclusão desse processo. Alegando ser portador de sangue real (afirmava ser filho de Carlos Martel com a rainha Batilde) e contando com o apoio dos nobres e da Igreja, ele depôs o último rei merovíngio, Childerico 3º, e fez-se coroar rei da França no ano de 751 d.C.. Surgia aí uma nova dinastia, chamada de **carolíngia**, pelo fato de se originar em Carlos Martel.

Foi durante o reinado dos reis carolíngios que os francos atingiram o apogeu de seu poder na Europa. Pepino ampliou a aliança que existia, desde Clóvis, entre os francos e a Igreja. O elemento mais forte dessa ampliação foi a luta movida por Pepino contra os lombardos, que ameaçavam Roma. Detentores de domínios ao norte da Itália, os lombardos, um dos povos germânicos que havia invadido as terras do Império Romano durante o século V, vinham penetrando cada vez mais para o centro da península, ameaçando Roma e, conseqüentemente, a Igreja.

O próprio papa, Estevão II, ante o risco de invasão de Roma, fora forçado a se exilar na França. Foi ali que ele coroou Pepino, o Breve como rei dos francos. Também foi com apoio militar dos francos que o papa pôde retornar a Roma, com a derrota do rei dos lombardos, Astolfo, e com a Igreja tendo suas propriedades, antes confiscadas, restituídas.

Três anos depois, entretanto, Astolfo voltou a atacar Roma. Pepino, o Breve ordenou nova invasão da Itália, derrotando definitivamente os lombardos. Como resultado, os lombardos cederam os territórios de Ravena e de Pentápolis a Pepino, que, juntando-os ao ducado de Roma, doou ao papa Paulo I, que substituíra Estevão II, originando o Patrimônio de São Pedro, ou Estados Pontifícios.

A ação de Pepino, o Breve foi decisiva para a ampliação dos domínios francos. A irreversível aliança estabelecida com o papado foi o fator de justificação ante os fiéis para que aceitassem a dominação franca. Tanto que as conquistas francas, ampliadas de modo drástico no reinado do filho de Pepino, o Breve, Carlos Magno, foram todas elas obtidas com o apoio da Igreja.

## Renascimento Carolíngio

Carlos Magno assumiu o trono em 768 d.C.. Empenhou-se em expandir seus domínios, anexando o norte da Itália, em mãos dos lombardos, submetendo a Saxônia, a Baviera e a Bretanha, estabelecendo o controle franco sobre o nordeste da península Ibérica, derrotando os ávaros e obtendo a submissão de boêmios, morávios e croatas.

Fez do Reino Franco a mais extensa unidade administrativa da Europa ocidental, em seu reinado.

Todas essas conquistas foram feitas, repetimos, tendo a Igreja como principal avalizadora e justificadora. Essa condição consolidou-se definitivamente quando, na missa de natal de 800 d.C., o papa Leão III coroou Carlos Magno Imperador dos Romanos.

O título tinha uma conotação essencialmente religiosa, significando o imperador daqueles que seguiam a religião de Roma. Entretanto, acabou assumindo um significado muito maior; de uma ressurreição do Império Romano do Ocidente.



Claro que essa ressurreição dava-se em direta aliança com a Igreja Católica, a qual passaria a gozar de uma estrutura política forte para amparar seu crescente poder. Criava-se ali a dicotomia e a complementaridade entre o poder espiritual - representado pela Igreja e centrado na figura do papa - e o poder temporal, terreno, que tinha no imperador sua expressão máxima, fazendo dessa liderança o ancoramento da igreja no poder temporal.

A administração do Império seguiu o modelo franco da divisão em condados (cerca de 200 d.C.), passando os bispos também a exercerem um poder condal em suas cidades. Daí que até aos dias de hoje se antecede ao nome dos bispos o prenome DON. Nas regiões fronteiriças Carlos Magno criou as Marcas, sob o controle de um funcionário, o que originou o termo "marquês". Estas medidas favoreceram o desenvolvimento dos poderes jurídico-militares regionais localizados.

Numa tentativa de manter algum controle central, Carlos Magno criou os *missi dominici*, funcionários que percorriam o império, fiscalizando a administração de condes e bispos. Mais do que eles, entretanto, o verdadeiro responsável pela manutenção de um mínimo de centralização foi o estado de guerra constante que caracterizou o governo de Carlos Magno. Ele multiplicou os domínios e as relações de vassalagem, colocando o rei no alto de uma estrutura minimamente organizada em termos político-militares.

A centralização política que parcela da Europa ocidental conheceu depois de mais de três séculos favoreceu um modesto desenvolvimento econômico, incapaz de reverter a ampla organização rural, e promoveu o chamado Renascimento Carolíngio. Escolas foram fundadas, os aristocratas estimulados a alfabetizarem-se, a corte tornou-se um centro de homens sábios e algo do passado cultural romano foi recuperado. O chamado Renascimento Carolíngio foi um fenômeno essencialmente cultural, diretamente apoiado na Igreja Católica.

## Fim da dinastia carolíngia

Com a morte de Carlos Magno, em 813 d.C., o poder passou para seu filho Luís, o Piedoso, que governou até 840 d.C.. Fortemente influenciado pela Igreja, Luís foi um monarca fraco. Terras da Igreja e domínios senhoriais conseguiam livrar-se do controle do poder central, tornando-se autônomos e livrando-se do cumprimento de suas obrigações para com o poder central, que se fixou como regra, o que se pode verificar nos dias atuais, no Mundo.



Seu governo coincidiu também com uma nova onda de invasões, que caracterizaram toda a Europa ocidental do século IX.

Vindos da **Escandinávia**, os **vikings** e seus navios de quilha rasa subiam os rios, espalhando a morte e a destruição por vastas áreas.

Os sarracenos, piratas muçulmanos do norte da África, assolaram as zonas litorâneas da Itália e da França.

E os magiares (ou húngaros), cavaleiros nômades das estepes da Ásia central, submeteram o norte da Itália e a Alemanha a contínuas incursões de pilhagem.

A morte de Luís significou o fim da unidade imperial. Seus três filhos repartiram o Império no Tratado de Verdun (843). Carlos, o Calvo, ficou com a França Ocidental (que deu origem ao Reino da França); Luís, o Germânico, com a França Oriental (a futura Alemanha); e Lotário, com a França Central, repartida após a sua morte, em 870 d.C., entre Carlos e Luís.

A autoridade real esfacelou-se rapidamente.

Condes, duques e marqueses usurpam os poderes reais e passam a exercê-los em nível local.

Em 877d.C., os domínios, chamados então de feudos, tornam-se hereditários.

Em 911 d.C., o rei Carlos, o Simples, incapaz de deter os ataques vikings, cedeu-lhes o ducado da Normandia, origem de sua outra denominação, normandos.

O ano de 911 viu também o fim do ramo germânico dos carolíngios, com a morte de Luís, o Jovem.

Em 987, morrendo o último soberano carolíngio da França Ocidental, Luís V, os aristocratas escolheram Hugo Capeto, Conde de Paris, como rei.

Essa data assinala o fim da dinastia carolíngia sobre a França, dando origem à dinastia capetíngia, que governou o país até o século XIV.



Fonte  
UOL Educação

Edição  
Filipe de Sousa



## ENCONTRO DE TROPEIROS E VIOLEIROS

O Distrito de **São Francisco Xavier**, que faz parte do Município de São José dos Campos, Estado de São Paulo - Brasil, promove anualmente o Encontro de Tropeiros e Violeiros organizado pelo Clube de Tropeiros e Violeiros de São Francisco Xavier.

Reconhecido oficialmente no calendário de eventos do Município de São José dos Campos desde 2002, o evento contou com os apoios oficiais da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, a Prefeitura Municipal de São José dos Campos, a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e o CONE LESTE PAULISTA. O Encontro deverá se realizar todos os anos na época do feriado de Corpus Christi buscando sempre resgatar e preservar a cultura tropeira e violeira da região da Serra Mantiqueira e do Vale do Paraíba.

Durante os dias da festa, no mês de junho, a cidade muda de pacata para uma agitação saudável, onde a maioria do público é composta de visitantes de várias idades e origens.

### Os Tropeiros e a Missa

O pontapé inicial é dado com um desfile de cavaleiros, puxado pelo já tradicional carro de bois e a tropa de burros, seguidos por mais de 220 cavaleiros montando jumentos, mulas e cavalos. As comitivas de cavaleiros visitantes geralmente são oriundos de cidade vizinhas; Santa Branca, São José dos Campos, Lorena e Paraibuna.

No outro dia, pela manhã a tropa de burros dos senhores Nardo e Reinaldo, formada por 10 animais "traíados" a rigor desfilou pela cidade ao lado do carro de boi do Sr. Quéó e vai direto para o recinto para preparar o café tropeiro na fogueira montada ao lado do palco.

A missa campal se dá depois do desfile do sábado no enorme palco construído no espaço de eventos ao lado da Praça da Matriz. A imagem de Nossa Senhora Aparecida é transportada numa charrete durante o desfile e depois de entregue a Dna. Cida, viúva do saudoso Sebastião Batista e do Sr. Chiquinho Vieira, filho do também saudoso tropeiro Francisco Vieira, é, por fim, entregue ao Pároco local, pelo presidente do Clube, iniciando a missa. A forma como o evento é preparado, sempre leva a uma Arena cheia e, a muita gente emocionada; música e coral também são uma atração da festa.

### Música e Dança

Depois da Missa é aberta oficialmente a festa e feitas as homenagens aos membros fundadores falecidos no último ano.

Quando termina a abertura, o stand do Rancho Tropeiro geralmente já se encontra lotado de gente no balcão à espera de um copo com café tropeiro quentinho acrescido de leite e um pedaço de broa de milho assada na folha de bananeira.

O Clima frio, típico do Distrito, se faz mais presente nesta época e um lanche cai bem. De 18 às 21 horas geralmente são distribuídos mais de 700 copos de café tropeiro.

Durante a distribuição começa a apresentação dos dos violeiros, cujas algumas figuras podem-se citar: Joaquim da Viola, Gauchinho, Ander Viola, Pedrão de Jambeiro, Pinga e Lúcio, Gil, Medeiro e Medeirinho e Zé da Serra, além de grupos de dança, Violeiros e Catireiros de Jacareí e Centro de Tradições Gaúchas de São José dos Campos, entre outras atrações.



No Domingo, depois da encenação do café tropeiro, mais violeiros se apresentam, Carlão, Ander Viola, Gauchinho, Ronaldinho e Luana, Ronaldinho, Felipe Monteiro, Léo Cafundó e Jean, Fatura e o grupo infantil de Catira e Joaquim Viola, grupos de dança Catira e São Gonçalo e causos contados por diversas figuras, quando se dá então o encerramento com as apresentações de diversos grupos de musica regional.

Ao todo se apresentam cerca de 20 grupos de violeiros entre convidados e visitantes, oriundos do distrito, de São José dos Campos, Monteiro Lobato, Jacareí, Itatiba, Jembeiro e Lorena, entre outras cidades vizinhas e do estado.

### **A recepção:**

Como o típico exige, é servido almoço e jantar “nonstop” no sábado. Durante os quatro dias do feriado são preparados cerca de 25 kg de feijão cru para fazer feijão tropeiro e tutu a mineira.

*Para alimentar os visitantes, o Clube usa cerca de 6 kg de pó de café e 50 kg de fubá para preparar as broas. Os 30 litros de leite necessários geralmente são doados pela cooperativa da região.*

Como toda festa o interior, tem rifa de bezerro, cuja renda reverteu para cobrir parte dos custos da festa.

O Encontro de Tropeiros e Violeiros de São Francisco Xavier não pretende ser uma festa grandiosa, atraindo multidões, mesmo porque, a estrutura do distrito, não comporta grande volume de visitantes simultaneamente.

O objetivo da festa é perpetuar a cultura e entreter as pessoas que gostam e se interessam pelos costumes do interior e, alcançar aqueles que nunca tiveram contato com esta cultura.

O Clube de Tropeiros e Violeiros de São Francisco Xavier é o grande incentivador desta festividade e o grande mestre sala, desta orquestra cidadã que se sabe mobilizar, num esforço comunitário que deve ser elogiado, para perpetuar nossos maiores Patrimônios, nossa Cultura e nossas Tradições.



## **O TROPEIRISMO**

Às 6 horas da manhã, sentado na soleira da porta de sua casinha no bairro do Bom Jesus, município de Silveiras, Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, Benedito Henrique de Paula não chegou a ouvir no último 31 de agosto o toque da alvorada que anunciava o Dia Nacional do Tropeiro. Nem ele nem Joaquim Governo, companheiro fiel de longas jornadas. Os dois tinham outro plano para esse dia: visitar os irmãos João e Josias Mendes. Seria esse, depois de muitos anos, um reencontro de velhos tropeiros.



No caminho do Ronco d'Água, onde os irmãos vivem em sossego garantidos por um gadinho de leite e uns palmos de lavoura, as lembranças brotavam da mata fechada. Não ficava ali o mangueirão que tantas vezes serviu de pouso para a tropa? Como os 85 anos de vida não chegaram a bulir em sua memória, Ditinho vez por outra ia corrigindo Joaquim. É verdade que o asfalto cobriu as trilhas e o ronco dos motores espantou pra longe os coleirinhos-do-brejo e os tico-ticos, mas ficava ali, sim, depois da curva fechada, a entrada do grotão que levava à Serra da Bocaina, por onde as tropas subiam e desciam carregadas de tudo: café,

milho, feijão, tijolo, pisando o mesmo caminho por onde, durante dois séculos, mulas carregadas com o ouro das Minas Gerais seguiam em direção ao porto de Parati.

Aprender até foi fácil. Difícil era sossegar em casa, ver os filhos crescerem. A fartura brotava nas terras de João Romão, poderoso senhor de oito fazendas espalhadas por vales e grotões e cuja produção movimentava imensas tropas meses a fio.

Os ecos da festa do Dia Nacional do Tropeiro não chegam ao Ronco d'Água. E mesmo que chegassem não seriam capazes de animar os quatro companheiros. Em meio à estridência dos quase 70 mil visitantes que invadem Silveiras nessa data, eles não reconhecem mais a festa que inventaram há quase 30 anos, quando, por pura brincadeira, armaram uma trempe na pracinha e ofereceram a uns poucos curiosos feijão, toucinho e arroz. Um litro de cachaça animou a cantoria de viola que entrou madrugada adentro. E sobre esse assunto mais não dizem. Os velhos tropeiros preferem não corromper a memória do tempo. Hora de partir. Como que se despedindo, a mula Jeitosa risca o casco na pedra. Ditinho se volta. É tudo lembrança...

João, Josias, Ditinho e Joaquim não sabem, mas foi nos cascos das mulas que durante dois séculos a riqueza do Brasil circulou. Os destemidos tropeiros, mensageiros do Brasil colônia, expandiram fronteiras, criaram vilas e cidades e integraram um país continental. Não fossem eles, a fome que assolou a região mineradora em 1697, 1700 e 1713 teria dizimado a multidão que se dirigiu às Minas Gerais atraída pela descoberta de ouro e diamantes. Se havia braço para o garimpo não havia para a lavoura. A salvação chegou no lombo das tropas que circulavam sem parar transportando alimentos, garantindo o trabalho extrativista. Os tropeiros chegavam trazendo comida e saíam carregados de ouro em direção aos portos do Rio de Janeiro e de Parati, de onde voltavam com os produtos manufaturados vindos de Portugal.

Com tanta atividade foram semeando pelo caminho os 'encostos', pousos em pasto aberto que depois se transformaram em 'ranchos', abrigos já construídos, pontos de partida para a formação de vilas e povoados. Em torno do movimento das tropas foram surgindo novas profissões: o peão domador, o ferrador, o coureiro, o rancheiro, o aveitar, uma espécie primitiva de veterinário.

Naqueles tempos, quem se aventurasse a desbravar os caminhos do Brasil sabia que teria que levar a fome na garupa. Não havia alimento ao longo do percurso e os tropeiros garantiam a sobrevivência levando nas mochilas farinha de mandioca bem seca que comiam misturada à carne-de-sol que o próprio gado transportado fornecia. Quando a fome apertava, o jeito era apelar para os bichos-de-taquara, chamados gusanos, e para os içãs torrados.

Enfrentando inimagináveis perigos e privações, o tropeirismo, ao lado das entradas e bandeiras, fez parte da grande movimentação humana que teve início no século 16. E não foi pequena sua contribuição. Empurrando fronteiras, os tropeiros definiram o mapa do Brasil integrando as regiões de um país imenso. Sem eles, a exploração das jazidas de ouro e diamantes seria impossível e a atividade pecuarista não teria se alastrado do Sul para São Paulo e depois para Mato Grosso e Goiás.